



Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional
de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

novembro | 2025

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.



Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, o mês foi quente na primeira metade e mais frio na segunda quinzena. As temperaturas máximas diminuíram gradualmente ao longo do mês, sem registo de grandes oscilações térmicas diárias. O período com valores mais elevados decorreu entre os dias 3 e 11, em que as temperaturas máximas situaram-se ligeiramente acima de 20°C. No entanto, os valores médios registados foram apenas ligeiramente superiores ao normal para a época. As temperaturas mínimas também foram diminuindo ao longo do mês, mas com um padrão de grande instabilidade diária, intercalando dias com valores mínimos elevados para a época (superiores a 12°C) com dias de valores baixos (inferiores a 5°C). O período em que as temperaturas mínimas se mantiveram mais elevadas foi entre os dias 10 e 16. Os valores médios registados foram apenas ligeiramente superiores ao normal para a época.

As amplitudes térmicas diárias foram menos acentuadas do que no mês anterior, tendo sido na maior parte dos dias pouco significativas ou mesmo reduzidas.

Os dias decorreram principalmente com céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade durante a primeira metade do mês e na segunda metade foram frequentes os dias com céu pouco nublado ou limpo.

Principalmente na segunda metade do mês, houve formação de neblina ou nevoeiro matinal, tanto junto ao litoral como em zonas de vales e terras baixas.

Na maior parte dos dias a intensidade do vento foi fraca a moderada, mas também houve muitos dias com vento por vezes forte e pontualmente muito forte junto ao litoral. Foram registadas rajadas superiores a 40km/h,

seis dias na estação de Alcobaça, dezassete dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo) e quinze dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

A precipitação foi muito elevada, principalmente até ao dia 16, tendo sido frequentes os dias com períodos de chuva ou aguaceiros. Em alguns dias a precipitação foi intensa ou mesmo muito intensa e persistente, tendo sido acompanhada de trovoada, como sucedeu entre os dias 11 e 13 com a passagem da depressão Cláudia. No final do mês os valores da precipitação acumulada eram superiores ao dobro (mais de 200%) do normal para a época.

A humidade relativa média foi elevada durante o mês.

As condições meteorológicas provocaram um aumento muito significativo dos níveis de água no solo. No final do mês, quase todos os concelhos da região encontravam-se totalmente à capacidade de campo, índice CC (>99). Fora deste padrão, praticamente toda a área dos concelhos de Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos estava situada no índice CC [81, 99] e uma área significativa localizada no lado nascente do concelho de Alenquer situava-se no índice CC [61, 80].

Ao longo do mês houve bastante disponibilidade hídrica para as culturas e para o abeberamento de animais. Os volumes de armazenamento das reservas de água superficiais, registavam no final do mês um aumento considerável relativamente ao mês anterior e eram bastante superiores ao normal para a época. As reservas de água subterrânea também apresentavam níveis superiores ao normal para a época.

As condições do tempo limitaram muito a realização de colheitas, lavouras e sementeiras. As culturas com produção ainda por colher, como a azeitona e o arroz, decorreram a um ritmo lento, tendo sido várias vezes interrompidas devido à precipitação forte e persistente, a qual também provocou perda de produção e de qualidade. O excesso de água no solo impossibilitou a circulação de máquinas agrícolas impedindo a realização da maior parte das lavouras e sementeiras de

culturas forrageiras anuais e de cereais praganosos de outono-inverno. Nas vinhas, continuaram a decorrer as atividades de pós-colheita iniciadas em outubro para preparação do próximo ciclo (podas de inverno, análises de terra, fertilizações e reposição de material de tutoragem), mas foram limitadas pelas condições meteorológicas e do solo. As baixas temperaturas noturnas registadas durante a segunda metade do mês foram favoráveis ao início do repouso vegetativo e contabilização de horas de frio necessárias para as culturas permanentes, designadamente para as espécies fruteiras e para as vinhas. Nos pomares de limão, a precipitação associada às temperaturas mínimas elevadas verificadas na primeira metade do mês, favoreceram o desenvolvimento de doenças. No olival, o estado do tempo foi prejudicial para a cultura. As condições climatéricas mais extremas de vento e precipitação ocorridas sob a influência da depressão Cláudia, provocaram alguns danos diretos nas árvores e queda de frutos. Os níveis de humidade e as temperaturas ainda elevadas que caracterizaram a primeira metade do mês, tiveram um efeito negativo na produção que ainda se encontrava por colher, tendo favorecido a presença de fungos. As reservas hídricas do solo e as temperaturas amenas ocorridas na primeira metade do mês, continuaram a favorecer o aparecimento de novas rebentações outonais nos oliveiros de sequeiro já colhidos e que ultrapassaram o stress da colheita. O excesso de água no solo, pontualmente causou asfixia radicular e desequilíbrios nutricionais, que provocaram descoloração foliar, principalmente nos oliveiros que registaram maior produtividade, presentes em solos desequilibrados ou mal drenados. Nas hortícolas de ar livre, designadamente nas couves, devido ao excesso de água no solo verificou-se em geral um menor desenvolvimento vegetativo e registou-se alguma perda de produção com a morte de plantas por asfixia radicular. As condições meteorológicas provocaram uma diminuição na oferta de couves no mercado, perspetivando-se que em dezembro a oferta se mantenha inferior à procura. As condições do tempo também prejudicaram a produção de cenoura. Além dos

problemas no desenvolvimento da cultura causados pelo excesso de água no solo, a precipitação intensa ocorrida durante a depressão Cláudia provocou a perda total de algumas áreas que se encontravam ainda na fase inicial do ciclo da cultura. Em geral as hortícolas de ar livre apresentaram uma qualidade média. Nas hortícolas em estufa, as culturas decorreram de forma habitual para a época, tendo havido colheita de tomate, pepino e courgette, cuja produção apresentava boa qualidade. Os dias mais curtos conduzem ao término dos ciclos produtivos.

No **Médio Tejo**, o mês caracterizou-se por grande diversidade das condições meteorológicas, com dias quentes e húmidos, períodos mais amenos ou extremos, com ventos fortes e precipitação intensa.

As amplitudes térmicas diárias mantiveram alguma variabilidade ao longo do mês, com valores médios de 11,4°C e 12,4°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Valdona e de Alvega, um pouco inferiores aos valores médios do mês anterior. As maiores amplitudes térmicas diárias na estação de Tomar/Valdona registaram-se nos dias 2 e 3, com valor de 16,9°C e na estação de Alvega, registou-se no dia 22, com valor de 17°C.

Verificou-se uma descida acentuada nas médias das temperaturas máximas e mínimas relativamente ao mês anterior. Na estação meteorológica de Alvega a temperatura máxima mais elevada verificou-se um pouco superior à média da temperatura máxima normal para a época e a temperatura mínima mais baixa verificou-se muito inferior à normal para a época.

Durante o mês, os dias estiveram predominantemente com o céu muito nublado ou pouco nublado ou limpo, com alguns períodos de maior nebulosidade.

Relativamente ao vento, este soprou essencialmente fraco a moderado, com alguns dias de forma mais intensa, em especial entre os dias 12 a 15, sob efeitos da depressão Cláudia.

O mês decorreu muito chuvoso, com períodos de grande intensidade de precipitação, principalmente na primeira metade do mês, registando-se dezanove dias com precipitação na estação meteorológica de Tomar/Valdonas e vinte e um dias na estação meteorológica de Alvega, com uma precipitação acumulada superior à normal para a época.

A humidade relativa média registada em ambas as estações meteorológicas verificou-se muito mais alta em relação ao mês anterior.

O teor de água no solo no final do mês registou um aumento significativo na região face ao mês anterior. No concelho de Ourém distribuía-se pelos índices CC [61, 80], CC [81, 99] e uma mancha central já situada à capacidade de campo CC (>99). No concelho de Torres Novas situava-se maioritariamente no índice CC [61, 80], com manchas situadas nos índices CC [81, 99] e à capacidade de campo CC (>99). No concelho de Alcanena encontrava-se situado maioritariamente no índice CC [81, 99]. Nos concelhos de Abrantes e Constância distribuía-se pelos índices CC [81, 99] e à capacidade de campo CC (>99). Nos concelhos de Mação, Tomar, Sardoal, Entroncamento e Vila Nova da Barquinha situava-se maioritariamente à capacidade de campo CC (>99).

Na região as reservas de água superficiais registaram níveis muito satisfatórios, com uma boa disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento dos animais.

Quanto à influência do tempo nas culturas, nos olivais tradicionais, a grande diversidade das condições meteorológicas afetou negativamente a produção. Esta instabilidade provocou quebras na quantidade e qualidade das variedades tardias ainda por colher e favoreceu ataques severos de fungos responsáveis pela gafa. Os olivais de sequeiro já colhidos, ultrapassaram em novembro o stress da colheita, começando a apresentar lentamente novas rebentações outonais favorecidas pelas reservas hídricas do solo e temperaturas amenas. Devido ao excesso de água no

solo e/ou à diminuição da sua temperatura, os olivais com maior produtividade, localizados em solos desequilibrados ou mal drenados, apresentaram descoloração foliar. Este sintoma está associado a carências de ferro e magnésio, bem como a desequilíbrios nutricionais típicos dessas condições climatéricas. Nos olivais intensivos de regadio, as condições climatéricas ocorridas permitiram manter a azeitona sã até mais tarde. Nas vinhas, no geral assistiu-se à progressiva queda das folhas, mas ainda com muita folhagem para se iniciar a pré poda. As condições climatéricas registadas neste mês (em especial a precipitação) foram bastante favoráveis à germinação das pastagens permanentes de sequeiro e das culturas forrageiras anuais. No entanto, no final do mês, a área instalada com estas culturas registou pouca evolução face ao mês anterior, devido à impossibilidade de acesso das máquinas aos terrenos causada pela elevada precipitação.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraria**, a primeira metade do mês caracterizou-se por temperaturas mais amenas e níveis de precipitação e humidade superiores aos verificados na segunda metade. As temperaturas máximas e mínimas foram diminuindo ao longo do mês de forma gradual, embora estas últimas tenham apresentado uma grande instabilidade. Comparativamente aos valores normais para a época, em ambas as estações, a temperatura máxima foi superior e a mínima bastante inferior.

As amplitudes térmicas registadas em ambas as estações foram menores do que no mês anterior e pouco significativas na maior parte dos dias.

Na primeira quinzena os dias decorreram principalmente com céu muito nublado ou com períodos de muita nebulosidade e na segunda, foram mais frequentes os dias com céu pouco nublado ou limpo. Ao longo do mês e principalmente na segunda quinzena, houve formação de neblina ou nevoeiro matinal em algumas zonas de vales e terras baixas.

Na maior parte dos dias a intensidade do vento foi fraca a moderada.

A precipitação acumulada durante o mês foi muito superior à normal para a época. Ocorreu principalmente na primeira quinzena, sob a forma de períodos de chuva e aguaceiros, por vezes fortes ou muito fortes e acompanhada de trovoadas.

A humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

No final do mês o teor de água no solo tinha aumentado de forma acentuada relativamente ao mês anterior. Na vertente oeste da Lezíria do Tejo o teor de água no solo encontrava-se maioritariamente à capacidade de campo, índice CC (>99), enquanto na vertente leste predominava o índice CC [81, 99]. Na vertente oeste do Baixo Sorraia o teor de água no solo encontrava-se totalmente à capacidade de campo, índice CC (>99), enquanto na vertente leste predominava o índice CC [61, 80], verificando-se também algumas manchas situadas no índice CC [81, 99].

No final do mês as reservas de água superficiais tinham aumentado significativamente face ao mês anterior, apresentando níveis de armazenamento muito superiores ao normal para a época. Houve disponibilidade de água para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias.

Quanto à influência do tempo nas culturas, verificaram-se condições desfavoráveis para a finalização das colheitas de azeitona, arroz e milho. Os preparativos do próximo ano agrícola também decorreram com interrupções. A precipitação intensa e persistente atrasou no geral as atividades agrícolas pela dificuldade de circulação de máquinas agrícolas nos campos e causou perdas de produção e descida de qualidade dos produtos em colheita. As baixas temperaturas noturnas ocorridas na segunda metade do mês favoreceram a entrada em repouso vegetativo das culturas permanentes. Nos olivais, a precipitação ocorrida ao longo do mês atrasou a finalização da colheita. Nos

citrinos, designadamente na laranja, as condições meteorológicas, com muita precipitação e temperaturas noturnas baixas a partir de meados do mês, beneficiaram a cultura após os últimos meses bastante secos. Nas vinhas, durante o mês as operações de pré-poda e poda decorreram ao ritmo que as condições climatéricas permitiram. Na cultura do arroz, a precipitação intensa causou acama das plantas e desgrana dos grãos.

Na Grande Lisboa, o mês decorreu muito ameno para a época e muito húmido, sem grandes oscilações da temperatura e sem amplitudes térmicas relevantes. As temperaturas máxima e mínima foram superiores ao normal para a época, registando-se a maior amplitude térmica diária de 8,5°C e 8,6°C nos dias 5 e 23, respetivamente.

Os dias foram maioritariamente muito nebulados ou encobertos, com formação de neblina em alguns locais da faixa costeira e junto ao rio Tejo.

No que respeita ao vento, foi um mês muito ventoso, em particular na primeira quinzena com rajadas na ordem dos 70 km/h aquando da depressão Cláudia.

O mês decorreu maioritariamente chuvoso, com uma acentuada precipitação entre os dias 12 e 17, fazendo com que no final do mês ultrapassasse o valor normal para a época.

A humidade relativa média foi superior à registada no mês anterior.

No que se refere aos valores do teor de água no solo no final do mês, o concelho de Lisboa encontrava-se maioritariamente no índice CC [81, 99]. O concelho de Vila Franca de Xira também se situava no índice CC [81, 99] mas com uma mancha a noroeste à capacidade de campo CC (>99). Os restantes concelhos da região estavam à capacidade de campo, índice CC (>99).

No final do mês o estado das linhas de água e o armazenamento de águas superficiais e nos aquíferos

consideraram-se em níveis acima do normal para a época, com boa disponibilidade de água.

Quanto à influência do estado do tempo, devido à intensa precipitação ocorrida em meados do mês ficou comprometida a sementeira dos cereais de outono-inverno, pela impossibilidade de entrada das máquinas agrícolas na maior parte dos terrenos. As temperaturas mínimas muito elevadas para a época contribuíram para o crescimento vegetativo dos prados e pastagens. Nos campos semeados e adubados no mês anterior teme-se que a chuva tenha arrastado os nutrientes aplicados. Também este facto foi negativo para os arrozais por colher que ficaram submersos e impossíveis de ceifar. Na região, a falta de horas de frio não foi favorável para a vinha e pomares em geral, atrasando o início do necessário repouso vegetativo. Na vinha, nas variedades mais precoces a queda fisiológica da folha deu-se por concluída, tendo-se iniciado a poda. Nas variedades temporâns e tardias começou o desfolramento, prevendo-se o começo da poda para janeiro. Nos limoeiros, a precipitação associada à temperatura mínima amena favoreceu o surgimento e desenvolvimento de doenças. O vento forte que se fez sentir a meio do mês provocou queda de milho ainda por colher em algumas zonas.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram um decréscimo gradual ao longo do mês, com valores acima do normal para a época até ao dia 18. As temperaturas mínimas registaram um comportamento mais irregular, frequentemente acima do normal para a época.

As maiores amplitudes térmicas foram registadas no início e no final do mês, sendo o maior valor diário de 17,8°C, registado no dia 3 na estação de Pegões.

Os dias decorreram com céu geralmente muito nublado principalmente na primeira quinzena.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 30 km/h), com registo de rajadas de maior intensidade nos dias 5, 13 e 14.

O mês decorreu muito chuvoso na região. De salientar as condições climatéricas verificadas principalmente nos dias 13 e 14 devido à instabilidade associada à depressão Cláudia. Concretamente no dia 13 verificou-se a ocorrência de chuva persistente, por vezes muito forte e acompanhada de trovoada, com máximos de precipitação em 3 horas de 75 mm registados na estação do Barreiro. No que respeita aos maiores valores acumulados em uma hora, foram observados entre 25 e 30 mm, nas estações do Barreiro e de Alcochete.

O total de precipitação mensal foi superior ao normal para a época, que correspondeu a 150% e 207%, respetivamente nas estações de Setúbal e Pegões.

A humidade relativa média foi em geral superior à registada no mês anterior.

Os elevados valores de precipitação, concentrados sobretudo em meados do mês, favoreceram a disponibilidade de água no solo a partir da segunda quinzena. No final do mês e em toda a região, o teor de água no solo registou um aumento muito significativo relativamente ao mês anterior. Assim, praticamente todos os solos da região estavam à capacidade de campo, índice CC (>99). Os concelhos do Montijo (parte ocidental), Moita, zona norte de Setúbal, zona sul e nascente de Palmela, zonas sudoeste e nordeste do concelho do Montijo (parte oriental) encontravam-se no índice CC [81, 99]. Apenas a zona sudeste desta região se encontrava no índice CC [61, 80].

Não se verificaram situações de escassez de água para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo nas culturas, neste início do ano agrícola continuaram a efetuar-se mobilização dos solos para novas sementeiras, mas dificultadas a partir de meados do mês, em que a precipitação foi intensa. As podas nas culturas permanentes decorreram durante este mês. No caso concreto da vinha, ao longo do mês as folhas ainda estavam muito “agarradas”, o que retardou o início da

intervenção, que idealmente deverá ser efetuada após a queda da folha. Nalgumas vinhas a poda começou no início de novembro, mesmo por uma questão de mão de obra, mas basicamente iniciou-se no final do mês. De salientar que devido ao grande vigor vegetativo das vinhas, decorrente das condições climatéricas da campanha, é expectável que a intervenção seja bastante demorada. Na região as podas deverão estar concluídas preferencialmente até final de fevereiro ou mesmo início de março, previamente ao início do abrolhamento. Nas culturas do milho e do arroz, nas colheitas ainda por terminar houve necessidade da sua interrupção nos períodos de precipitação mais intensa.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações desta região.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nos pomares de pera Rocha, como medida de contenção do fogo bacteriano, continuaram a decorrer podas sanitárias pós-colheita para remoção de material vegetativo infetado. Os produtores atualmente têm uma maior consciencialização e motivação para estas operações de limpeza, pelo que muitos já tinham procedido à remoção do material infetado dos seus pomares. A doença este ano apresentou uma intensidade muito elevada, principalmente em pomares mais jovens (com menos de 10 anos). A necessidade de realização de podas severas provocou uma redução significativa do potencial produtivo nos pomares mais atingidos, prevendo-se que venha a ter impacto significativo na produção do próximo ano.

Nos pomares de pera Rocha e de maçã Gala, houve aplicação de produtos para forçagem de queda foliar e

induzir a paragem da fotossíntese, de modo a entrarem em dormência e poderem beneficiar das baixas temperaturas noturnas que se começaram a verificar a partir da segunda metade do mês, contabilizando horas de frio necessárias. As temperaturas amenas e a escassez de frio durante o inverno têm caracterizado a região nos últimos anos, condicionando a uniformidade da floração. Para preparar adequadamente os pomares para o novo ciclo vegetativo os produtores têm vindo a aplicar produtos para promover a queda foliar e o início do repouso vegetativo.

No olival, as condições climatéricas de humidade e temperatura promoveram o surgimento de fungos, tendo-se registado uma forte presença de gafa nos frutos e de olho de pavão nas folhas, principalmente nas variedades mais sensíveis e debilitadas pela elevada produção. Historicamente a região não realiza tratamentos às doenças outonais, situação que favorece a proliferação das mesmas.

Nos pomares de limão, com a humidade e as temperaturas elevadas na primeira metade do mês, mantiveram-se as condições para a presença de míldio. O reduzido número de substâncias ativas é uma limitação para o controlo eficaz da doença.

Nas hortícolas de ar livre, ocorreram os problemas fitossanitários habituais para a época, destacando-se a presença de algumas bactérias e míldio. Foram realizados tratamentos nos períodos de oportunidade, os quais se revelaram eficazes.

Nas hortícolas em estufa, na cultura de tomate mantiveram-se os ataques de mosca branca, de *Tuta absoluta* e de *Botrytis* ou podridão cinzenta, todos com intensidade média. Nas culturas de pepino e de courgette verificaram-se focos de oídio com baixa intensidade. Foram realizados tratamentos fitossanitários que se revelaram eficazes. Não houve ocorrência de prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, no geral não se efetuaram mais tratamentos.

Nos olivais tradicionais, nas variedades mais tardias ainda por colher, surgiram ataques severos de fungos responsáveis pela gafa. Na região, habitualmente não se aplicam tratamentos preventivos contra doenças outonais, o que contribuiu para sua ocorrência e disseminação em áreas muito específicas. Nos olivais intensivos de regadio, de forma geral, as oliveiras colhidas e por colher apresentavam um bom estado fitossanitário, com as azeitonas sãs até mais tarde do que o habitual, não se justificando qualquer tratamento.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nos pomares de citrinos, designadamente de laranja, devido ao longo período chuvoso e de nevoeiros matinais, na segunda metade do mês foram efetuados tratamentos fitossanitários preventivos para o míldio e podridão cinzenta (*Botrytis cinerea*). Na laranja em maturação, assim como nos pequenos frutos (clementinas e tangeras), durante o mês foram evidentes os efeitos da mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) muito presente em outubro. Com a descida das temperaturas, prevê-se uma melhoria das condições fitossanitárias dos frutos em desenvolvimento para a próxima colheita prevista para janeiro/fevereiro, devido à menor presença desta praga.

Nos olivais, os níveis elevados de humidade devido à precipitação favoreceram o aparecimento de fungos, tendo-se registado a presença de gafa nos frutos. Em fase de colheita não foram realizados tratamentos.

No milho, na fase final da colheita continuaram a verificar-se estragos provocados pelos javalis. A presença em algumas searas de níveis elevados de figueira do inferno (*Datura stramonium*) continuou a ser identificada. Em resultado da presença de fungos associados aos níveis elevados de humidade, identificaram-se micotoxinas no milho (aflatoxinas e fumonisinas).

Grande Lisboa

De um modo geral, não foram referenciadas situações muito relevantes em termos fitossanitários que tenham ocorrido durante o mês, altura em que as culturas perenes se encontravam na fase inicial de dormência e a maior parte das pragas a entrar também nas suas fases hibernantes.

Não obstante, nas pereiras realizaram-se podas sanitárias na maioria dos pomares da região, tendo em vista o combate ao fogo bacteriano que tem vindo a ser uma crescente preocupação nos últimos anos, em particular no concelho de Mafra.

Nos limoeiros, manteve-se uma preocupação especial com a incidência de míldio, para o qual existe dificuldade no seu combate devido às restrições legais impostas que determinaram o fim do uso de muitas das substâncias ativas outrora eficazes.

Nos arrozais, a presença de javalis e cegonhas que procuram lagostim nos canteiros continuaram a ser duas pragas muito destrutivas das searas por ceifar, estragando-as por espezinhamento, situação que tem sido recorrente ao longo dos anos. A presença de *Pyricularia* (fungo patogénico) nas espigas de arroz levou à sua destruição, resultando grãos malformados e escuros, sendo extemporânea a aplicação de tratamentos fitossanitários nesta fase.

Península de Setúbal

Com o decréscimo das temperaturas e a ocorrência de precipitação em abundância, coincidente com a fase final do ciclo das culturas de primavera-verão e com a fase de dormência das culturas permanentes, não se verificou neste mês incidência significativa de pragas e doenças dignas de registo.

De salientar a referência à praga dos javalis, com estragos apreciáveis nas culturas e nos equipamentos de rega e outros, essencialmente a nível do milho e arroz.

 Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, com a precipitação ocorrida as pastagens de sequeiro, geralmente espontâneas e algumas pontualmente melhoradas, apresentavam abundância de matéria verde disponível para os animais em pastoreio direto, em geral pequenos ruminantes. No final do mês as sementeiras de forragens anuais, de azevém ou consociações, encontravam-se muito atrasadas devido à precipitação intensa que encheu os terrenos de água impedindo a circulação de máquinas no campo, havendo muitos produtores que ainda não tinham conseguido iniciar a instalação das culturas. Nos terrenos situados em zonas baixas, com muita água no solo, não foi possível a realização de sementeiras. Em terrenos melhor drenados foram realizadas algumas, apenas no final do mês devido à ausência de precipitação durante vários dias. O atraso significativo na instalação das culturas forrageiras anuais (habitualmente no mês de outubro), é comum a toda a região, mas ainda mais acentuado no Alto Oeste, onde se registaram os valores mais elevados de precipitação acumulada e onde o normal eram as sementeiras ainda por realizar. Se o tempo permitir será ainda dada continuidade às sementeiras de forragens em dezembro, principalmente de azevém. Se não for possível, muitos produtores não instalarão a cultura por considerarem janeiro demasiado tarde e alguns poderão optar por soluções de forrageiras de inverno-primavera. As sementeiras realizadas em outubro, antes do início da chuva intensa do final desse mês, emergiram bem e apresentavam um bom estado vegetativo. Embora tenham ocorrido algumas situações de arrastamento de plantas provocado pela chuva intensa durante a

passagem da depressão Cláudia e algum amarelecimento devido ao excesso de água no solo, não serão situações significativas. Os campos de azevém tinham um crescimento de cerca de 5cm de altura e os campos de consociações de gramíneas e leguminosas (aveia, triticale, ervilha, ervilhaca) cerca de 15cm. As condições de alimentação das espécies pecuárias estabuladas, no final do mês eram consideradas normais, muito semelhantes a igual período do ano anterior, com boa disponibilidade de alimento natural conservado, uma vez que o ano permitiu armazenar quantidades muito interessantes de forragens conservadas (fenossilagem e silagem), embora apresentem na generalidade valor nutritivo mais baixo do que ano anterior devido ao corte tardio, após o espigamento das plantas.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se em germinação, verificando-se uma boa rebentação vegetativa das gramíneas, em especial do azevém, com duas a três folhas. Os prados de regadio, encontravam-se com uma boa recuperação após a fase de descanso e no final do mês estavam a entrar em dormência com o frio. Na região estavam a ser finalizadas as sementeiras das culturas forrageiras anuais. Em novembro, a sementeira destas culturas na região foi diminuta, pois as chuvas intensas impossibilitaram a entrada de máquinas nos terrenos. As sementeiras de aveia encontravam-se terminadas. As primeiras sementeiras de azevém estavam no estádio de uma a duas folhas.

Relativamente às condições de alimentação das espécies pecuárias, em especial os bovinos em regime extensivo, mantiveram-se estabulados para preservar os prados. O regime alimentar foi composto por forragens conservadas, tais como palhas e fenossilagem, com um maior contributo deste último alimento. A ração industrial apenas tem sido disponibilizada na recria dos novilhos. Durante este mês, os ovinos foram alimentados principalmente com ração industrial, a fim de proteger as pastagens.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraria**, no princípio do mês iniciaram-se as mobilizações de terras, as quais ficaram preparadas para as sementeiras de novas pastagens. Devido às chuvas intensas os trabalhos ficaram interrompidos e somente no final do mês foram retomados. Por este motivo a instalação de novas pastagens apresentava cerca de um mês de atraso.

Algumas pastagens permanentes de sequeiro em final de ciclo ainda exibiam restos de vegetação, que acompanhados com a queda de bolotas e um pouco de feno, mantiveram os animais em sistema extensivo em condições físicas satisfatórias. A precipitação favoreceu a germinação, encontrando-se as pastagens no final do mês a iniciar uma nova cobertura vegetativa, ainda com um reduzido desenvolvimento.

Os prados de regadio apresentavam um desenvolvimento normal, tendo começado a abrandar o crescimento das plantas devido à descida das temperaturas na segunda metade do mês.

Durante o mês concluíram-se as sementeiras das culturas forrageiras anuais, as quais foram instaladas principalmente em outubro. As primeiras sementeiras emergiram bem e apresentavam um bom aspeto vegetativo, não tendo sido muito afetadas pelas chuvas fortes. No final do mês, as plantas tinham um crescimento idêntico a um ano normal, com 15 a 20 cm de altura. Se as condições climatéricas permitirem, é expectável a realização do primeiro corte durante o mês de dezembro.

O ano permitiu boas reservas de alimentos conservados, silagem e fenossilagem, pelo que as espécies pecuárias em sistema intensivo, mantiveram regimes alimentares idênticos aos do ano anterior. Os bovinos para carne, no geral encontravam-se a "comer à mão" uma vez que as pastagens ainda não tinham condições para pastoreio. Os bovinos de leite, em algumas situações ainda se encontravam a consumir alimentos conservados do ano anterior, como silagem de milho e azevém.

Na **Grande Lisboa**, procedeu-se à sementeira e adubação de fundo de algumas forrageiras, consociações, azevém, triticale e aveia até meio do mês, tendo sido impossível a sua prossecução devido à intensidade da chuva ocorrida a partir de então. As pastagens prosseguiram o seu desenvolvimento vegetativo atendendo à disponibilidade de água e às temperaturas amenas que se fizeram sentir durante o mês, não sendo ainda coerente permitir o pastoreio das diversas espécies pecuárias, cuja alimentação continua a ser suplementada com feno, palha e fenossilagem, ainda sem necessidade de recorrer a rações industriais.

Na **Península de Setúbal**, contrariamente ao verificado no final de outubro, o coberto vegetal encontrava-se no final deste mês e em geral, com muito vigor vegetativo, face às condições climatéricas, nomeadamente de precipitação, propícias à germinação e crescimento das espécies vegetais.

As consociações semeadas no início de setembro apresentavam-se no final deste mês com bom desenvolvimento vegetativo. Devido às condições climatéricas, concretamente no que diz respeito à precipitação elevada, o primeiro corte para silagem, que se previa efetuar em meados de dezembro, encontrava-se um pouco atrasado. Até final de dezembro continuarão a decorrer sementeiras de culturas forrageiras, das quais apenas serão possíveis dois cortes, por serem mais tardias.

Relativamente ao azevém, as sementeiras que se tinham iniciado em outubro, continuaram a realizar-se durante este mês.

O vigor das pastagens permitiu o pastoreio direto ao longo do mês, alternado com suplementação de fenossilagem e feno. As quantidades de silagem, fenossilagem e feno em reserva permitirão fazer face à alimentação do efetivo pecuário por períodos consideráveis.

À semelhança do mês anterior, o elevado aprovisionamento destes suplementos naturais do ano anterior permitiu que nesta fase a alimentação à base de ração industrial, com granulado, tenha sido inferior à da campanha anterior.



Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado

No **Oeste**, com os níveis de precipitação ocorrida, bastante superiores ao normal para a época, durante o mês foi muito reduzida a área instalada de cereais praganosos de sequeiro, designadamente trigo, triticale e aveia, encontrando-se as sementeiras muito atrasadas. As condições de excesso de água no solo não permitiram a circulação de máquinas agrícolas e muitos produtores não tinham ainda iniciado as sementeiras. Em solos com melhor drenagem apenas nos últimos dias do mês foi possível instalar algumas áreas devido à ausência de precipitação durante vários dias. Em solos mais pesados ou em zonas mais baixas e com menor drenagem, perspetiva-se que as operações agrícolas irão continuar paradas durante algum tempo, mesmo que não chova, por necessidade de aguardar pela diminuição dos níveis de humidade no solo para permitir a movimentação das máquinas. Há um forte receio de as condições do tempo em dezembro permanecerem desfavoráveis para a realização das sementeiras, tornando-se demasiado tarde para a instalação de trigo. Face a esta possibilidade, poderá vir a ser semeada menos área do que o inicialmente previsto. Uma alternativa que poderá ser adotada por alguns produtores é a substituição de variedades de trigo de ciclo longo por outras de ciclo mais curto. Contudo, no final do mês havia muita incerteza sobre a realização das sementeiras de cereais praganosos de outono-inverno devido às condições climatéricas, pelo que

ainda não é possível estimar uma variação das áreas semeadas (ou a semear) comparativamente ao ano anterior. Algumas searas instaladas em outubro, antes do início da chuva ocorrida no final desse mês, germinaram e emergiram bem, apresentando-se com duas folhas. No entanto, alguns campos apresentavam excesso de água e o efeito nas plantas só poderá ser avaliado mais tarde.

No **Médio Tejo**, os solos já se encontravam preparados para as sementeiras dos cereais praganosos, mas não se registou evolução significativa em relação ao mês anterior. Foram iniciadas algumas sementeiras de trigo mole e aveia. O atraso nas sementeiras ao longo de novembro deveu-se essencialmente às condições climatéricas, em especial pelos períodos de chuva intensa e persistente que encharcaram os solos, impedindo a entrada das máquinas. Aguardavam-se melhorias para retomar os trabalhos no próximo mês. Nesta fase, prevê-se uma variação negativa das áreas semeadas com cereais praganosos relativamente ao ano anterior.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, a instalação das culturas de cereais praganosos de outono-inverno pouco evoluiu, com a maior parte das sementeiras ainda por realizar. Para o atraso assinalado muito terá contribuído a colheita tardia das culturas de primavera-verão, como o tomate para a indústria e o milho para grão, bem como a precipitação intensa ocorrida neste mês que causou excesso de água no solo, impossibilitando a circulação das máquinas agrícolas no campo.

No **Grande Lisboa**, ainda não se deu início às sementeiras de cereais praganosos de outono-inverno, devido à impossibilidade de entrada de máquinas agrícolas nos terrenos que ficaram encharcados durante o mês, prevendo-se o início da instalação das culturas logo que as condições climatéricas e estado do solo o permita. Prevê-se uma redução da área semeada devido sobretudo a problemas relacionados com os baixos preços pagos ao produtor, que têm vindo

tendencialmente a decrescer e a não fazerem face aos custos de produção, perspetivando-se num futuro próximo o abandono gradual da prática destas culturas.

Na **Península de Setúbal**, no geral as sementeiras encontravam-se atrasadas, devido às condições climatéricas que ocorreram ao longo do mês. Assim, espera-se que a maior parte destas sementeiras decorra durante o mês de dezembro.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente pomares de kiwis e frutos secos e olivais de azeitona de mesa e azeitona para azeite: estado vegetativo; produção, quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Nogueiral

No Médio Tejo, estava concluída a colheita das nozes, tendo a mesma decorrido com normalidade, apenas interrompida nos períodos de chuva mais intensa. Pontualmente, os frutos colhidos evidenciaram problemas de preenchimento do miolo (mirrado) relacionados com dotações de rega inadequadas. Tratando-se de situações pontuais, não tiveram para já significado na estimativa da produtividade média, que se prevê ser um pouco superior à da campanha anterior. A evolução natural da idade dos pomares, que estão a entrar em plena produção, contribuiu para o aumento do rendimento, uma vez que a cultura é recente na região (os primeiros pomares instalados atingiram oito anos em 2025). A qualidade dos frutos foi média devido à ocorrência de miolo mirrado e negro, associados a problemas fúngicos visíveis durante o descasque.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, no final do mês a colheita das variedades mais tardias encontrava-se concluída. Apesar de ter havido interrupções nos períodos de maior intensidade de precipitação, a colheita decorreu com normalidade. A produtividade estimada é ligeiramente superior à da campanha anterior, contribuindo para isso a entrada em plena

produção de algumas áreas, uma vez que a cultura é recente na região. No descasque foi identificada alguma produção com miolo mirrado e negro devido à presença de fungos, o que afetou a qualidade dos frutos, que se considera média.

Olival

No Oeste, verificaram-se alguns danos físicos nos olivais causados pelas condições mais extremas de vento e precipitação que se registaram durante o mês, principalmente nos dias sob a influência da depressão Cláudia. Os olivais de sequeiro já colhidos e que tinham ultrapassado o stress da colheita, continuavam a apresentar novas rebentações outonais favorecidas pelas reservas hídricas do solo e pelas temperaturas amenas que se verificaram na primeira metade do mês. Os olivais presentes em solos desequilibrados e/ou mal drenados e que registaram maior produtividade, apresentaram descoloração foliar devido a carencias ou desequilíbrios nutricionais característicos dessas condições. A situação foi favorecida pelo excesso de água, que causou asfixia radicular pontual, e pela diminuição da temperatura do solo. A deslocação de reservas para nutrição das novas rebentações também provocou o mesmo sintoma e por vezes desfolhas.

Devido às condições climatéricas de humidade e temperatura, que favoreceram a presença de doenças fúngicas como a gafa e o olho de pavão, e às condições extremas de precipitação e vento, verificaram-se perdas na produção e diminuição da qualidade das variedades tardias ou dos olivais que ainda se encontravam por colher. No final do mês a colheita encontrava-se terminada na região, estimando-se uma produtividade média ligeiramente menor do que no ano anterior. Os rendimentos da azeitona durante o mês estabilizaram acima de 15%, superiores aos verificados no mês anterior, os quais já superavam os da campanha precedente. Ao contrário, a qualidade dos azeites continuou a diminuir devido aos fortes ataques da gafa. A produção de azeitona de mesa não tem significado na região, não existindo olival com variedades plantadas

destinadas a essa finalidade. Apenas pontualmente é retirada uma parte da produção para autoconsumo.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais, a colheita nas variedades mais tardias (zonas de montanha) decorreu ao longo de novembro, encontrando-se praticamente concluída no final do mês. A produtividade da azeitona para azeite é superior ao ano passado, destacando-se especialmente nas variedades mais tardias e de montanha como principais responsáveis por esse aumento. Nesta fase, a produção de azeite é considerada superior à da campanha anterior, devendo-se sobretudo ao aumento significativo da quantidade de azeitona disponível. Os rendimentos da azeitona em azeite estabilizaram acima dos 15% durante o mês de novembro ao contrário da qualidade do azeite daí resultante, que continuou a diminuir, prejudicada por fortes ataques da gafa. Os olivais intensivos encontravam-se com a colheita a finalizar. A produtividade verificou-se ligeiramente inferior ao ano passado. No entanto, é estimada uma maior produção de azeite face ao maior rendimento da azeitona. A qualidade dos frutos verificou-se boa, tendo-se mantido a azeitona sã até mais tarde do que é habitual.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita das variedades mais precoces encontrava-se concluída e a das mais tardias a ser finalizada. As variedades mais precoces apresentaram uma boa produtividade de azeitona, verificando-se superior ao ano passado. No entanto, as variedades mais tardias foram prejudicadas pelas condições climatéricas do mês, causando alguma diminuição da produtividade esperada. Em termos globais estima-se uma produtividade aproximada à do ano anterior. A qualidade da azeitona diminuiu ligeiramente ao longo do mês, embora se mantenha a previsão de um ano bom de produção de azeite, em qualidade e quantidade, com registo de rendimentos superiores aos do ano anterior.

Na Grande Lisboa, a apanha da azeitona deu-se por concluída em outubro, tendo ficado alguns olivais por colher devido à azeitona não estar em boas condições,

sobrematurada, picada e com gafa. Tal como referido no relatório anterior “(...) a produtividade foi ligeiramente superior relativamente à campanha anterior. Quanto à qualidade, esta foi aceitável, sendo que a azeitona colhida antes das primeiras chuvas foi melhor do que a colhida no final do mês. Relativamente ao rendimento da azeitona, registam-se valores muito próximos dos obtidos na campanha anterior, apesar do interregno de três a quatro semanas no processo de maturação dos frutos, devido às elevadas temperaturas que se fizeram sentir entre junho e agosto face a um ano dito normal.” No final do mês, os olivais apresentavam-se com rebentamentos outonais em crescimento. Nas variedades mais sensíveis denotaram-se sinais de doenças fúngicas típicas desta época do ano, como o olho de pavão (que pode levar a um grande desfolhamento e morte de galhos), para as quais não foram aplicados os devidos tratamentos fitossanitários preventivos, que apenas iriam retardar os efeitos das doenças, por esta prática ser economicamente injustificável no olival tradicional característico da região.

Na Península de Setúbal a colheita da azeitona para azeite, que se tinha iniciado na segunda quinzena de outubro, terminou no final deste mês. A qualidade do fruto colhido foi, em geral, muito boa, sem incidências de mosca da azeitona. Após a ocorrência de precipitação verificou-se alguma presença de gafa, mas pouco significativa. A produtividade e rendimento foram superiores à campanha anterior, bem como a qualidade do azeite produzido. O rendimento na extração para azeite registou valores de 12% e 13% no início da campanha e de 9% no final, devido ao efeito da precipitação na qualidade da azeitona colhida.

Citrinos

No Oeste, os pomares de limão continuavam a apresentar frutos em desenvolvimento para colheita em dezembro e janeiro e outros já prontos a colher. A quantidade de frutos nas árvores era semelhante a um ano normal. A produção apresentava boa qualidade e bons calibres.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se no geral com um bom estado vegetativo. Os frutos estavam em diferentes estágios, alguns prontos a colher e outros em desenvolvimento. A colheita estava ligeiramente atrasada em relação ao período habitual. Nesta campanha verificou-se uma menor produção de frutos por problemas ocorridos na fase da floração, estimando-se uma quebra de produtividade face à campanha anterior. Para a campanha seguinte prevê-se uma maior produtividade, pelo facto de a floração ter sido visivelmente mais abundante e com um maior número de frutos comparativamente a período igual do ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, verificou-se uma evolução favorável dos pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), que beneficiaram bastante da precipitação ocorrida durante o mês. Os frutos encontravam-se na fase de maturação. A seca estival provocou dificuldades no crescimento dos frutos, tendo sido necessário realizar adubações foliares para melhoramento dos calibres. Mantém-se uma estimativa de produtividade significativamente menor do que no ano anterior. Em termos qualitativos, os frutos apresentavam calibres mais baixos e aspeto visual bastante inferior ao das últimas campanhas.

Na Grande Lisboa, nos pomares de limoeiros continuou a verificar-se o crescimento dos frutos que se perspetivam colher em dezembro e janeiro, com uma produtividade muito inferior relativamente a igual período do ano anterior.

Na Península de Setúbal, nos pomares de limoeiros os frutos estavam em desenvolvimento, com boa qualidade e calibre, sem problemas fitossanitários assinaláveis, estando a colheita prevista para a primeira semana de dezembro.

Figueiral

Na Grande Lisboa procedeu-se à poda das figueiras, esperando-se resultados positivos no combate à

cochonilha nos tronquinhos que se verificou no mês anterior. As árvores continuaram em repouso vegetativo.



Colheita das culturas arvenses de regadio, em particular o Milho: como decorreu; sua produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade, condições de secagem e armazenamento

Milho

No Médio Tejo, a colheita do milho de regadio encontrava-se concluída. A produtividade foi inferior à do ano precedente. Nas primeiras colheitas, a qualidade do grão foi boa, com o teor de humidade favoravelmente baixo. Com as chuvas ocorridas no final da colheita, a qualidade do grão ficou um pouco depreciada pelo aumento da humidade. A secagem do grão foi mais demorada e com custos acrescidos à produção. O processo de armazenamento decorreu com normalidade. O balanço desta campanha resultou em regularidade em termos de quantidade, mas de rentabilidade limitada, face aos preços baixos e custos de produção elevados.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita do milho de regadio para grão foi interrompida por diversas vezes devido à precipitação, pelo que no final do mês ainda havia algum milho por colher. Mantém-se a perspetiva de uma produtividade menor do que no ano anterior, para a qual terá contribuído a presença do vírus do nanismo em algumas searas, bem como a destruição significativa da cultura provocada pelos javalis. A qualidade do milho foi diminuindo com a precipitação. Os níveis de humidade do milho colhido durante o mês apresentavam-se muito elevados (grão com humidade superior a 22%), exigindo maior tempo de secagem e consequente aumento dos custos de produção. Em alguns campos houve presença de figueira do inferno (*Datura stramonium*) em níveis altos. No grão foram ainda identificados níveis mais elevados de micotoxinas

(aflatoxinas e fumonisinas). Ambas as situações diminuem a qualidade do milho por serem prejudiciais à saúde humana e animal, podendo impactar na valorização do produto.

Na Grande Lisboa, a colheita deu-se por terminada nos primeiros dias de novembro. Denotou-se um decréscimo da produtividade em relação à campanha anterior. Esta redução está associada à sementeira tardia, fora de tempo, à restrição na utilização de alguns herbicidas, aos prejuízos causados pelo vírus do nanismo e ao espezinhamento da cultura pelos javalis. A qualidade do milho foi também inferior à da campanha anterior, que não tinha sido boa, com um elevado teor de humidade no grão (acima de 25%), resultado da elevada precipitação e humidade a que a cultura esteve sujeita. Este facto implica custos muito elevados de secagem que, aliados aos crescentes encargos em fatores de produção, poderão levar ao desincentivo da instalação desta cultura e representam um enorme desafio económico que os produtores atravessam quando comparados com outros estados-membros, onde o custo de secagem atinge valores muito inferiores, por vezes cerca de metade relativamente ao que se pratica em Portugal, e também devido à concorrência com os produtos importados de países terceiros (nomeadamente Brasil e EUA). Também há registos de rejeições por parte da indústria de lotes em que foi detetada a presença de figueira do inferno em percentagem considerada nociva para consumo humano e animal.

Na Península de Setúbal, as colheitas, que se tinham iniciado no final de setembro, decorreram durante outubro e novembro com interrupções nos períodos de maior precipitação, permanecendo no final deste mês uma área de cerca de 10% por colher. O grão apresentava pior qualidade que o colhido precocemente e com teor de humidade de cerca de 20 a 24%, com consequentes custos mais elevados na secagem. A produtividade deverá ser ligeiramente inferior à da campanha anterior, influenciada essencialmente pelo vírus do nanismo e pela presença de javalis.

Arroz

No Oeste, com a precipitação frequente e a humidade elevada ao longo do mês, foram muitos os dias sem condições para a realização da colheita do arroz, que decorreu com várias interrupções. No final do mês ainda não se encontrava concluída e irá prolongar-se por dezembro, havendo uma forte possibilidade de não ser colhida a totalidade da área. Devido aos períodos de chuva intensa e persistente, houve acama das plantas em alguns locais, mas não foi muito significativa por estas não serem de palha muito alta e por isso menos suscetíveis a queda. Devido às condições adversas em que a cultura se desenvolveu estima-se uma acentuada redução da produtividade e perdas significativas de produção. A rentabilidade da cultura será ainda afetada pelo aumento dos custos de secagem devido aos elevados níveis de humidade do arroz colhido. Estima-se também uma perda de qualidade da produção, embora ainda não identificada, aguardando-se a avaliação da indústria aos parâmetros de qualidade do arroz.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a colheita decorreu com intermitências devido à precipitação. Apesar de se encontrar já muito avançada ainda não estava concluída no final do mês. A instalação tardia e as condições climatéricas na fase de colheita, que causaram acama em algumas searas e desgrana de grãos, influenciaram negativamente a produtividade, que se estima ser ligeiramente inferior à do ano anterior. A produção colhida apresentava uma qualidade semelhante à do ano anterior, embora os grãos apresentassem níveis de humidade mais altos o que causará maiores custos de secagem.

Na Grande Lisboa decorreu a ceifa dos arrozais, prevendo-se o seu término para dezembro. Nos terrenos que ficaram encharcados com a chuva que ocorreu, provavelmente não será possível colher. Espera-se uma produtividade inferior que a da campanha anterior. Dado que a sementeira foi maioritariamente tardia, fora de ciclo normal, espera-se um arroz de menor qualidade, com cerca de 40 bagos (o normal são 60), mais

engelhado. A persistência de presença de *Pyricularia* (fungo patogénico) no final do ciclo vegetativo deu origem à malformação, escurecimento e, nalguns casos, à destruição dos grãos. No que diz respeito aos preços pagos ao produtor, e como referido em relatórios anteriores, apesar de que nesta campanha se praticam valores superiores aos do ano passado, estes são muito baixos e não fazem face aos custos de produção que a cultura acarreta nem à concorrência com o arroz importado de países terceiros (homeadamente da América do Sul e China).

Na Península de Setúbal a ceifa, que se tinha iniciado no final de setembro, continuou em outubro e terminou no final deste mês, com interrupções nos períodos de precipitação mais intensa. A qualidade do grão colhido foi boa, principalmente nas colheitas iniciais. No entanto ao longo da colheita, diminuiu, havendo também maior quantidade de queda do bago, com perdas significativas na fase final. Relativamente à produtividade ainda é cedo para estimar, mas é esperado um decréscimo acentuado do valor relativamente à campanha anterior, considerando as sementeiras tardias e as condições de desenvolvimento do grão ao longo do ciclo (grãos que não vingaram por falta de fecundação, devido às condições climatéricas). Relativamente ao preço, é esperado um decréscimo relativamente à campanha anterior, principalmente no arroz agulha, situação que desagrada ao produtor e desincentiva à produção em campanhas posteriores, face ao aumento dos custos de produção.



Produção de vinho: funcionamento das adegas, quantidade e qualidade do vinho produzido, perspetivas de comercialização

No **Oeste**, decorriam com normalidade os processos de produção de vinho. No final do mês, as trasfegas de vinhos da campanha (passagem a limpo) estavam a ser finalizadas, foram aplicados produtos enológicos de correção nos vinhos, procedeu-se ao estudo e

realização de lotes dos vinhos novos e deu-se início às filtrações finais de vinhos da campanha, para posterior enchimento. Estima-se uma diminuição da quantidade de vinho produzido na região relativamente ao ano anterior, mais acentuada nos tintos do que nos brancos. Quanto à qualidade, os vinhos brancos e rosés apresentam tendencialmente características bastante semelhantes ao ano anterior. Nos vinhos tintos verifica-se mais heterogeneidade, alguns apresentam menor teor alcoólico e outros apresentam graduações acima da média. Perspetiva-se que seja um ano bastante interessante para a produção de vinhos tintos na região com elevada capacidade de guarda, normalmente rotulados como reservas e grandes reservas daqui a uns anos. Relativamente às perspetivas de comercialização, continua ativa a procura de vinhos, principalmente no mercado externo, segmento em que se prevê algum crescimento do volume de vendas, designadamente com países terceiros. No entanto, as margens de comercialização e o retorno financeiro têm vindo a diminuir porque os clientes orientam as suas escolhas cada vez mais em função do preço. Nos próximos tempos não se perspetiva que o sector tenha capacidade de acrescentar valor à atividade para contrariar esta tendência, cujas consequências terão reflexos cada vez mais acentuados na base da cadeia, aumentando as dificuldades já sentidas pelos viticultores em manter a atividade perante os baixos preços praticados no pagamento das uvas.

No **Médio Tejo**, o funcionamento das adegas decorria dentro da normalidade. Algumas já tinham concluído os processos de fermentação e encontravam-se na fase de clarificação dos vinhos brancos e prensagem das massas dos vinhos tintos, etapa que estava praticamente finalizada. Outras adegas mantinham os vinhos em processos de estabilização tartárica e fermentação malolática. Concluídas essas fases, proceder-se-á à formação dos lotes. Na região, registou-se uma quebra na produção de vinho, sendo inferior à produção obtida no ano antecedente. Apesar da produção ser menor, esperam-se vinhos de boa

qualidade, com teores de açúcar equilibrados, contudo, não se poderá considerar um ano excepcional nesse aspeto. Salienta-se o facto de existirem vinhos bastante marcados pelo efeito do ácido tartárico (o pH deste ano foi alto, tendo sido necessário o recurso a acidificação) que irá desaparecer com o tempo e com o frio que ainda não se fez sentir de forma vincada. No que respeita às perspetivas de comercialização, a quebra de produção terá um impacto negativo, sendo o mesmo agravado por um cenário internacional pouco animador, podendo-se revelar um ano muito difícil. Ainda assim, prevê-se a manutenção de um ritmo crescente de vendas nos mercados tradicionais, como a Europa e o Brasil (demonstrado muito interesse nos vinhos nacionais), bem como a consolidação da presença em mercados em expansão, nomeadamente o Canadá e asiático (Vietname, Camboja e Singapura). A tendência aponta para uma diminuição das vendas e uma crescente pressão para a redução dos preços, mesmo nos segmentos de nicho, como os produtos biológicos. Existe ainda o receio de dificuldades no escoamento do vinho e de uma acumulação generalizada de stocks.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, nas adegas estavam a decorrer os processos de estabilização dos vinhos e trasfegas. Estima-se uma produção de vinho um pouco menor do que no ano anterior. Na generalidade os vinhos apresentavam uma excelente qualidade. As perspetivas de comercialização são moderadas.

Na **Grande Lisboa**, em termos de vinificação estima-se um rendimento uva/vinho idêntico ao da campanha anterior. No final do mês, deram-se por terminadas as fermentações maloláticas e iniciaram-se as trasfegas, uma etapa fundamental na vinificação que visa purificar e clarificar o vinho, melhorar a sua estabilidade e remover gases indesejados. Parte dos vinhos brancos, mais precoces, já haviam terminado a trasfega e estavam em cubas, em estágio, a aguardar o engarrafamento previsto para março. A graduação alcoólica do vinho perspetiva-se boa, muito semelhante à do ano anterior, registando-se uma boa qualidade

fenólica do mosto, com bons índices de antocianinas. A qualidade final espera-se ser idêntica ou ligeiramente inferior à do ano passado, sobretudo pelos aspetos fitossanitários que foram ocorrendo ao longo dos vários estados fenológicos da uva, com repercussões no *flavour* do vinho. Não se perspetivam dificuldades na comercialização dos vinhos desta região. Apesar da tendência geral de diminuição da procura, as adegas não sentem constrangimentos com o escoamento da sua produção, maioritariamente direcionada para vinhos de qualidade, sendo esperada uma continuidade de volumes comercializados, à semelhança das campanhas anteriores.

Na **Península de Setúbal**, não ocorreram problemas de funcionamento nas adegas, as operações decorreram sem percalços e de modo normal. Não foram referidos problemas de acumulação de stocks. A qualidade dos vinhos produzidos, tanto a nível dos brancos como dos tintos foi muito boa, à semelhança do verificado na campanha anterior, resultado de uvas de qualidade e sem grandes problemas fitossanitários, proporcionando uvas sãs. Ainda não é possível afirmar em qual das campanhas resultou melhor qualidade de vinho. Relativamente às perspetivas de comercialização, não são esperados constrangimentos, eventualmente um ligeiro decréscimo da procura devido à conjuntura económica e à alteração de hábitos de consumo, sendo expectável o escoamento garantido da produção, principalmente a nível dos brancos. Para o preço do vinho, ainda não há valores disponíveis para esta campanha, sendo que, face ao aumento dos custos de produção, é esperado que seja superior. No entanto, apesar da menor produção nesta campanha, há ainda muita oferta de vinho no mercado, o que poderá levar à descida do preço. De salientar que o eventual aumento do preço no vinho poderá não se refletir no aumento do preço da uva, no produtor.

DADOS METEOROLÓGICOS

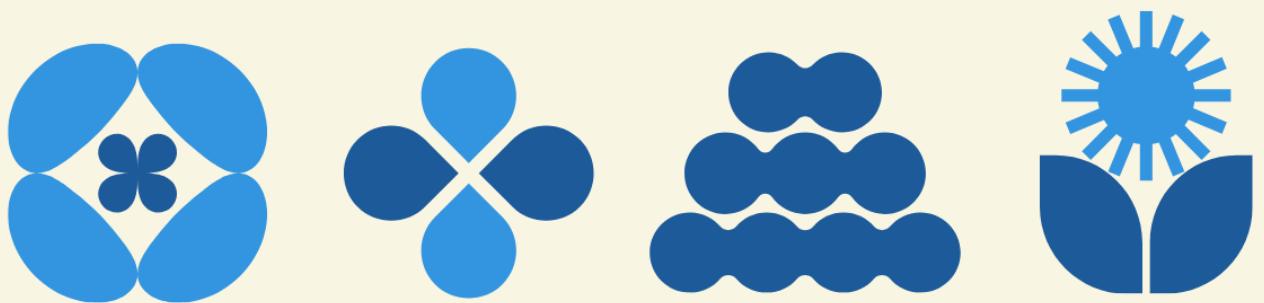
	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Vale Donas	Alvega
Temperatura máxima (°C)	21,9	20,0	21,6	21,6	22,4	24,7	23,0	23,9	22,3	22,8
Dia	4	4	10	10	4	3	3	4	4	4
Valor médio da temperatura máxima (°C)	18,5	17,5	18,3	18,6	18,9	18,8	18,4	19,0	18,4	19,0
Temperatura máxima normal para a época (°C)	18,2	—	17,5	18,1	18,8	18,8	18,1	18,8	—	18,5
Temperatura mínima (°C)	0,2	2,9	2,4	7,9	2,9	1,0	3,7	-0,2	-0,6	-0,9
Dia	22	27	22	22	22	21	22	22	22	22
Valor médio da temperatura mínima (°C)	7,7	9,2	9,2	12,2	9,8	8,3	9,4	7,6	7,3	6,7
Temperatura mínima normal para a época (°C)	6,9	—	8,6	11,8	8,9	8,6	9,4	7,1	—	6,3
Temperatura média normal para a época (°C)	12,5	—	13,1	15,0	13,8	13,7	13,8	12,9	—	12,4
Horas de frio	131	56	64	0	35	95	47	130	143	172
Rajada máxima de vento (Km/h)	58,3	73,4	82,4	74,2 ^{a)}	60,1	72,4	79,6	66,6	c)	53,6
Dia	5	5	5	13 ^{a)}	13	14	12	5	c)	13
Número de dias com precipitação	17	19	18	15	17	27	19	18	19	21
Precipitação acumulada no mês (mm)	295,9	182,9	203,8	176,0	160,8	179,7	154,4	138,9	175,1	167,8
Precipitação normal para a época (mm)	127,8	—	98,0	133,9	107,2	87,0	95,4	78,6	—	100,4
Precipitação diária máxima no mês (mm)	78,5	55,4	53,0	51,7	48,0	63,6	51,2	36,1	44,8	47,2
Dia	13	13	13	13	13	14	1	5	1	5
Humidade relativa média diária mínima (%)	71	65	65	51	55	83	56	70 ^{b)}	74	78
Humidade relativa média diária máxima (%)	92	94	96	100	89	100	94	99 ^{b)}	96	98
Humidade relativa média (%) do mês	83	82	85	85	79	95	82	87 ^{b)}	87	89

Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

- a) Falha de dados nos dias 20 e 21.
- b) Falha de dados no dia 20, 21 e 22.
- c) Falha de dados no mês.
- Sem dados

Número de horas de frio: total de horas com temperaturas inferiores a 7,2°C acumulado, observado nas estações meteorológicas, desde 01 de outubro até 30 de abril (para fruteiras em Portugal Continental), atualizado diariamente até às 10h30 UTC.



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.
RUA ALEXANDRE HERCULANO, N°37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT